UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

NAS REDES DOS ASSESSORES

Kadu Alexandre Reis
Lucas de Medeiros Miranda

RELATÓRIO TÉCNICO
do*Trabalho de Conclusão de Curso* apresentado à
disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pela Profª. Gislene Silva
no primeiro semestre de 2014
Orientador: Prof. Áureo Mafra de Moraes

Florianópolis

FICHA DO TCC	**Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC**		
ANO	2014.1		
ALUNO	Kadu Alexandre Reis Lucas de Medeiros Miranda		
TÍTULO	Nas redes dos assessores		
ORIENTADOR	Áureo Mafra de Moraes		
MÍDIA		Impresso	
		Rádio	
	X	TV/Vídeo	
		Foto	
		Web site	
		Multimídia	
CATEGORIA		Pesquisa Científica	
		Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
		Produto Jornalístico (inteiro)	**Local da apuração:**
	X	Reportagem livro-reportagem ( )	( ) Florianópolis ( ) Santa Catarina ( ) Região Sul (X) Brasil ( ) Internacional País: _____
ÁREAS	Jornalismo esportivo, futebol, assessoria de imprensa		
RESUMO	*Nas redes dos assessores* é um videodocumentário que tem por objetivo analisar o reflexo das mudanças ocorridas no futebol, hoje profissional e glamourizado, nas relações jogador-imprensa e jogador-torcedor. Com a crescente atração de patrocinadores, o esporte se tornou um negócio que movimenta altas quantias de dinheiro. Este processo foi acompanhado por alterações na cobertura jornalística, que se torna cada vez mais limitada. A apuração do trabalho foi feita através de entrevistas com profissionais em exercício ou aposentados do futebol e da cobertura futebolística. Repórteres que vivenciam o meio há décadas são importantes personagens, além dos jogadores, ex-jogadores e assessores de imprensa. A pauta principal trata das barreiras impostas na cobertura diária do esporte e o controle dos clubes sobre o conteúdo a ser produzido pelos jornalistas.		

Sumário

1. Resumo.....4

2. Contexto.....5

3. Justificativa do tema.....12

4. Processo de produção.....15

4.1 Pesquisa e pré-produção.....15

4.2 Apuração.....16

4.2.1 Fontes.....17

4.3 Roteiro.....23

5. Edição.....24

6. Tabela de custos.....24

7. Dificuldades e aprendizados.....25

8. Referências bibliográficas.....28

9. Anexos.....30

1. Resumo

Nas redes dos assessores é um videodocumentário que tem por objetivo analisar o reflexo das mudanças ocorridas no futebol, hoje profissional e *glamourizado*, nas relações jogador-imprensa e jogador-torcedor. Com a crescente atração de patrocinadores, o esporte se tornou um negócio que movimenta altas quantias de dinheiro. Este processo foi acompanhado por alterações na cobertura jornalística, que se torna cada vez mais limitada. A apuração do trabalho foi feita através de entrevistas com profissionais em exercício ou aposentados do futebol e da cobertura futebolística. Repórteres que vivenciam o meio há décadas são importantes personagens, além dos jogadores, ex-jogadores e assessores de imprensa. A pauta principal trata das barreiras impostas na cobertura diária do esporte e o controle dos clubes sobre o conteúdo a ser produzido pelos jornalistas.

2. Contexto

O futebol mudou. Em constante evolução, o esporte das massas envolve altas quantias de dinheiro, seja em transações de atletas, rendas de bilheterias ou vendas de produtos relacionados aos clubes e jogadores. Alterado como modelo de negócio, o futebol profissional, através da alta exposição midiática, transforma jogadores em heróis ou vilões e gera lucro para diversos setores por meio do interesse público relacionado ao esporte. Atletas que, em outros tempos, possuíam realidades próximas às da maioria dos cidadãos, hoje recebem salários milionários e passaram por um processo de gradual *glamourização*. Afastadas das torcidas, as engrenagens fundamentais para a manutenção e o crescimento do esporte têm discursos controlados pelos clubes, evitando possíveis problemas com relação à própria imagem e às das instituições.

Trazendo as informações do cotidiano de clubes e atletas, a imprensa faz o meio de campo

entre jogador e torcedor. Mas a própria relação das fontes com os jornalistas foi severamente alterada na rotina do futebol. Profissionalizados, os clubes gerenciam a comunicação através de assessores, que servem como forma de controle do que será veiculado com relação à instituição. Para os jornalistas, restam entrevistas coletivas e de conteúdo programado, com discursos prontos. Na cobertura diária que acontece durante toda uma temporada, a exclusividade praticamente não existe, com raras oportunidades de contato mais próximo com os jogadores. Exemplos como o Clube Atlético Paranaense, que blindou a comunicação do clube, impedindo todo o trabalho da imprensa e criando tensão com o Sindicato dos Jornalistas, são amostras das tendências de dificuldade do trabalho jornalístico no esporte.

Visto que as transmissões de jogos de futebol e a cobertura diária da imprensa têm por finalidade montar um cenário de espetáculo, os jogadores são os protagonistas. Como constata Gurgel:

> Os atletas são um dos principais polos de atração dentro desse cenário de geração de imagens dos megaeventos esportivos, pois suas façanhas e dramas geram imagens que são ressignificadas nas narrativas geradas pelos meios de comunicação de massa". (GURGEL, 2010, p. 3)

Se o espetáculo só tem a ganhar com mais imagens, discursos e uma esfera cada vez maior de informações sobre os jogadores, torna-se difícil entender a razão do crescimento da blindagem a que têm sido submetidos os protagonistas do esporte - e a blindagem que é atribuída às assessorias de imprensa dos clubes.

É inegável que a criação de assessorias de imprensa facilitou em grande parte o trabalho do jornalista esportivo através da disponibilização de informações básicas que tomavam tempo e esforço do jornalista em épocas anteriores. Como destaca Maluly:

> A assessoria de imprensa alimenta o jornalista por meio das informações básicas que o conduzem ao contato com as fontes e os locais de prática desportiva. O resto depende do esforço do repórter. Acompanhar as competições e treinamentos e, se possível, até praticar, é trabalho do jornalista, que assim não depende exclusivamente das assessorias. (MALULY, 2010, p. 8)

Se por um lado esses órgãos têm facilitado a obtenção de informações simples, por outro, acabam cerceando a segunda parte do trabalho jornalístico, que é a busca pelo diferencial em relação ao veículo concorrente, a história que não foi contada pelo colega, a construção de uma crônica com personagens escolhidos pelo próprio repórter. Nos dois maiores clubes de Florianópolis, Avaí Futebol Clube e Figueirense Futebol Clube, isso se dá diariamente: a assessoria se torna um filtro que impede o jornalista de escolher o jogador com quem realizará a entrevista - o protocolo determina que somente um jogador seja

entrevistado por dia. Em alguns casos, é pedido aos repórteres que acompanham o treino que tentem entrar em consenso sobre qual jogador querem ouvir naquele dia. A assessoria pode acatar o pedido e trazer o atleta selecionado ou barrar a possibilidade e escolher outro para falar à imprensa. Quando existem assuntos polêmicos em evidência, os protagonistas costumam ser impedidos de falar. É a estratégia dos clubes para minimizar problemas, camuflando-os e evitando que os acontecimentos cheguem ao conhecimento da opinião pública, dos torcedores. Mesmo quando não há algo que gera polêmica acontecendo, o jogador que dará entrevista passa por um *briefing*, uma preparação do assessor, que o informa sobre o que deve ou não falar durante a conversa com os jornalistas - que acontece sempre com todos ao mesmo tempo, com raras chances de exclusividade.

Nem sempre foi assim. Há uma década, a relação entre imprensa e jogadores era mais próxima e era possível escolher quantos e quais jogadores seriam entrevistados nos treinamentos -

voltando ainda mais no tempo, atletas e jornalistas marcavam entrevistas por conta própria, pautas surgiam até de conversas informais e estes seres do mundo do futebol muitas vezes nutriam amizades fora do meio. De certa forma, isso ainda acontece em alguns clubes do Brasil, normalmente os de menor expressão. Cabe questionar o porquê da não manutenção desse sistema quando os times começam a ascender no cenário do futebol nacional.

Além das diferenças na cobertura diária dos treinos dos clubes, é igualmente gritante o contraste na cobertura das partidas de futebol de anos atrás e as atuais. Muito do que mudou veio por conta de organização: hoje seria inviável a entrada de repórteres no gramado a cada gol marcado para entrevistar o jogador, como acontecia em tempos remotos. Já as entradas em campo antes e depois das partidas ainda seriam viáveis, mas são proibidas e severamente fiscalizadas. Foi conservado, porém, o ato de entrevistar jogadores no intervalo e no fim dos jogos. Quando estes

deixam o gramado são alguns dos momentos mais importantes das transmissões esportivas: dali saem as grandes declarações, as opiniões dos jogadores, a tradução das jogadas que aconteceram em campo nas palavras de quem participou das mesmas. E este é um dos poucos momentos, no calor do jogo, onde o atleta diz o que pensa e a quem quer. Na saída do campo, o repórter aborda os protagonistas do jogo. Buscar a fala do maior número de jogadores possível já é complicado, pois se dá no momento em que os atletas se encaminham para o vestiário, e portanto a conversação depende da boa-vontade do entrevistado. O Estádio Independência, em Belo Horizonte, tem constituído um exemplo de tentativa de limitar o trabalho dos cronistas esportivos: não há mais contato direto da imprensa com os jogadores no intervalo e no fim da partida - um cercado os separa e conseguir as entrevistas se tornou uma tarefa ainda mais complicada para os profissionais da imprensa.

3. Justificativas

A escolha de produzir um videodocumentário se dá pela proximidade dos autores com a área, bem como a oportunidade de explicitar, através da imagem e fala dos entrevistados, as mudanças ocorridas, presenciadas por estes que vivenciam o dia a dia do futebol. A escolha de um documentário em vídeo, ao invés de áudio ou uma grande reportagem, também se dá pela grande ligação entre o futebol e a televisão no Brasil. De acordo com Oselane e Costa, a televisão é o "veículo por excelência da informação esportiva" e neste cenário, o principal produto é o futebol, que coopta 92% da audiência da editoria. Ainda que com linguagens e narrativas diferentes, a televisão e o documentário conversam por seu formato e apresentam diversas semelhanças.

O videodocumentário tem como foco principal a discussão das alterações nas relações entre o repórter a fonte na cobertura diária do futebol no Brasil, expondo o cenário atual e

visando demonstrar quais as mudanças que ocorreram ao longo do tempo, gerando um afastamento e tornando o trabalho do jornalista esportivo mais limitado, previsível e repetitivo. Até pela proposta, grande parte das fontes do documentário são jornalistas de idade avançada, que convivem com o meio há décadas e presenciaram as mudanças que o trabalho aborda. Problematizando o fazer do jornalismo esportivo nas condições atuais, o documentário aproveita para falar do distanciamento do esporte para com os torcedores, tanto em identificação com o clube e atletas, como em esvaziamento de estádios (questão que evidentemente engloba diversos outros fatores). Como jornalistas, buscamos respostas e análises com capacidade de entender o cenário e projetar o que há por vir. No país do futebol, sobram crises e falta organização. Ainda assim, a vedação informativa parece ser uma solução encontrada pelos clubes para amenizar os problemas. No entanto, como estudantes de jornalismo, entendemos que o processo não é

salutar para a própria instituição, bem como para o jornalismo esportivo, ávido de conteúdo diferenciado, e para o público consumidor de informação. O exercício de projeção dos resultados futuros desta evolução também é interessante, pois as análises apontam para um fechamento cada vez maior. Casos como o do Clube Atlético Paranaense podem se tornar comuns e a publicização dos fatos em torno dos clubes de futebol pode se tornar exclusivamente oficial. Informação sendo repassada pelos sites, TVs e rádios da instituição, sem a chance do contato direto entre os atores da notícia e os jornalistas - e com vedação gradual do trabalho investigativo. Envolvidos no ambiente dos esportes, pretendemos tentar desmistificar as diferenças entre as demais editorias e o jornalismo esportivo, bem como destacar os esforços e limitações do profissional em seu fazer diário. Conforme Barbeiro e Rangel:

> Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em

> televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e do interesse público. (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p.13)

4. Processo de produção

4.1 Pesquisa e Pré-produção

Desde a primeira conversa a respeito do Trabalho de Conclusão de curso, os autores sabiam que o tema do projeto seria algo relacionado à imprensa esportiva, dada a proximidade dos mesmos com o meio - há pelo menos um ano os dois trabalham com jornalismo esportivo, especificamente na cobertura futebolística, e vivenciam os inúmeros problemas que permeiam a profissão.

Depois disso, as conversas evoluíram e ambos chegaram à conclusão de que um assunto pouco discutido, mas que afeta diretamente o *modus operandi* dos profissionais de imprensa desse meio é a constante mudança de regras quanto à atuação dos repórteres junto aos jogadores. A partir daí, a decisão

de produzir o TCC em vídeo (o futebol é inexplicável sem imagens) e portanto em conjunto - já que a qualidade técnica e de conteúdo tem uma melhora significativa quando se trata de um documentário - foi natural.

Percebendo que a bibliografia é ampla sobre assessoria e jornalismo esportivo, a proposta seguiu evoluindo e os contatos com as fontes se iniciaram.

4.2 Apuração

A pesquisa em sites, livros, documentários e artigos iniciou já no segundo semestre de 2013, quando os autores fizeram o projeto de TCC. O trabalho de busca de imagens, dados e informações seguiu em curso durante toda a produção do videodocumentário. Houve atraso no cronograma e as entrevistas filmadas foram iniciadas apenas no mês de maio e realizadas em cerca de 40 dias. Alguns encontros tiveram adiamento de datas devido às agendas dos entrevistados, outros previstos no projeto não puderam ser realizados. Durante a apuração, percebemos que o tema é

motivo de preocupação e chama a atenção dos entrevistados e tem potencial para ser alvo de outros trabalhos ou pesquisas acadêmicas.

4.2.1 Fontes

Para discutir um assunto que é do futebol, mas profundamente ligado ao fazer jornalístico, buscamos ter como principais entrevistados profissionais com experiência na área. Esta experiência também era necessária pelo fato de estarmos discutindo mudanças que aconteceram ao passar dos anos e precisarmos de entrevistados que vivenciaram as diferentes realidades tratadas no trabalho. Mas os profissionais da imprensa esportiva não foram os únicos entrevistados. Também foi preciso ouvir o outro lado, dos assessores, que fazem o papel de intermediar a relação entre os clubes e jogadores com os jornalistas. Foram entrevistados os assessores de Avaí, Figueirense e Atlético Paranaense, clube citado no trabalho por realizar um fechamento à imprensa radical, não permitindo a presença de

repórteres em seu centro de treinamento e liberando apenas informações pelos meios oficiais do clube - nas saídas de campo o Atlético permite entrevistas apenas para as TVs com direitos de transmissão dos jogos e os atletas que descumprem as normas podem estar sujeitos a multas.

Jogadores e ex-jogadores de futebol foram entrevistados e deram ao trabalho um status mais global do que se contasse apenas com o cenário de Florianópolis. Estes atletas, que passam e passaram por clubes de várias regiões do Brasil e também de outros países em alguns casos, relatam como a relação com a imprensa se dá em cada local. Estes relatos comprovam que a tendência não ocorre apenas em Santa Catarina, mas nacionalmente e até internacionalmente, apesar das diferenças encontradas fora do país.

Por se tratar de um videodocumentário, todas as entrevistas foram feitas *in loco*, com os autores do trabalho encontrando pessoalmente os entrevistados para a realização da sabatina. Apenas no caso da assessoria de imprensa do Atlético

Paranaense que a entrevista foi realizada com as perguntas sendo enviadas por e-mail e o entrevistado fazendo a gravação com seu estafe.

As entrevistas duraram cerca de 30 minutos cada e foram feitas utilizando duas câmeras profissionais - uma sobre tripé e outra com *cameraman* em movimento - e o áudio captado com microfone lapela.

Roberto Alves foi o primeiro a ser entrevistado para o trabalho. O profissional é um decano da imprensa esportiva em Florianópolis. No ar há mais de cinquenta anos, trabalha no Grupo RBS em TV e rádio, com a RBSTV e a CBN Diário. Roberto Alves é considerado o principal comunicador na área do esporte na região e tem grande influência no meio do futebol e na cultura da cidade.

Miguel Livramento é símbolo do Manezinho, como são chamados os nativos da região de Florianópolis. Sem formação

universitária, trabalha na cobertura esportiva há décadas, com passagens por diversas emissoras de rádio e televisão. É comentarista do Jornal do Almoço da RBSTV e das transmissões esportivas da rádio CBN Diário.

Claudionir Miranda é narrador da Band FM e comentarista do programa Jogo Aberto SC, da Bandeirantes Santa Catarina. É filho de radialista florianopolitano e seguiu a profissão do pai, ficando com a voz marcada para os torcedores que acompanham a rotina e os jogos de Avaí e Figueirense ao longo dos anos.

Sandro Ventura é ex-jogador de futebol profissional e comentarista da Bandeirantes Santa Catarina e Band FM. Vivenciou os dois lados da relação entre atletas e imprensa, pois mesmo sem atuar na reportagem, hoje faz parte da crônica esportiva ao lado dos profissionais do jornalismo na rádio e televisão.

Albeneir Marques Pereira marcou época no futebol da Capital defendendo o Figueirense. Também atuou no Grêmio Porto-Alegrense e rodou o Brasil defendendo clubes de menor expressão em diversos estados. Encerrou a carreira no início dos anos 90 defendendo justamente o Avaí, rival do clube de seu coração.

Marcos (Marquinhos) Pedroso é um jovem atleta que joga pelo Grêmio. Ex-Figueirense, trocou recentemente Florianópolis por Porto Alegre, onde encara um centro maior de futebol. A imprensa local é considerada em todo o Brasil como a mais rigorosa e combativa na relação e crítica aos técnicos e jogadores que passam pelos clubes da cidade.

Marcos (Marquinhos) Santos é o maior ídolo recente e atual capitão do Avaí. Tem passagens por grandes clubes, como Grêmio e Santos. É conhecido pela irreverência e por sempre

falar a mais do que o clube deseja, expondo problemas internos e causando desconfortos.

Gastão Dubois passou pela imprensa esportiva e se mudou para o lado de dentro dos clubes. Trabalha no Avaí, onde coordena a comunicação da instituição, tendo outros profissionais do jornalismo em sua equipe.

Ronaldo Nascimento é o coordenador da assessoria de imprensa do Figueirense. Está no clube há apenas quatro anos e acompanha as mudanças que acontecem desde então. No clube, vivenciou a diminuição no número de jogadores da entrevista e participou do gerenciamento de crises.

Felipe Dutra e **Eduardo Luiz** trabalham nas rádios Banda B e 98FM, respectivamente, e cobrem o dia a dia do Atlético Paranaense. Impedidos de frequentar os treinamentos, comentam como funciona o trabalho de um

setorista de clube que evita a comunicação com os jornalistas.

4.3 Roteiro

Produzir um roteiro de documentário sem *off* é desafiador pelo fato de não poder incluir falas dos autores entre as dos entrevistados. Portanto, é necessária muita atenção e organização no momento de buscar as falas que se encaixam da maneira mais uniforme para dar sentido à linha de pensamento. Algumas fontes acabaram mais privilegiadas pela compreensão maior do tema e por darem respostas mais interessantes para a construção do documentário.

A montagem do roteiro se deu após a separação das falas de cada entrevistado em assuntos diferentes. Em um segundo momento, enumeramos os assuntos e a ordem em que entrariam no documentário, para a partir de então construir a ordem das falas e partir para o processo de edição.

5. Edição

A edição do documentário foi feita no Adobe Premiere em um notebook Sony Vaio, próprio dos autores. Como tínhamos conhecimento do software já imaginávamos o desafio que nos esperava e lidamos de maneira razoável. A edição tomou cerca de três semanas de trabalho, na montagem das falas e criação de clipes de abertura e passagens, que foram utilizados para marcar rupturas entre os assuntos.

6. Tabela de custos

Grande parte dos equipamentos já havia sido adquirido antes do início do trabalho e outra remessa foi comprada durante a fase de pré-produção.

Item	**Custo**
Câmera principal - Full HD DSLR Canon	R$1.300,00
Câmera secundária - Full HD Handcam Sony	R$900,00
Microfone lapela	R$50,00

Cartão de memória	R$40,00
Notebook para edição	R$2.000,00
Gastos gerais	R$150,00
TOTAL	R$4.440,00

7. Dificuldades e aprendizados

A realização do trabalho se mostrou desafiadora, apesar da proximidade dos autores com o tema. Quando se planeja um videodocumentário sem o uso de *off*, é preciso que os entrevistados correspondam à expectativa, explanando de forma desenvolta sua opinião e conhecimento em relação ao tema. As principais dificuldades foram com o equipamento. Desde a compra de uma das câmeras, importada dos Estados Unidos, até o uso dos microfones, cartões de memória e computador para edição, sempre foi preciso estar atento à tecnologia e às surpresas que podem surgir. A importação da câmera foi uma das culpadas pelo atraso no cronograma. Sem o

equipamento em mãos, conversamos com fontes, mas não tivemos como iniciar as entrevistas filmadas.

Os entrevistados foram solícitos, apesar de terem agendas nem sempre fáceis para passar um tempo conversando conosco. Os companheiros de imprensa auxiliaram no que puderam e foram os primeiros a serem ouvidos, seguidos pelos assessores e pelos jogadores e ex-jogadores de futebol profissional. No tratamento com os entrevistados, não tivemos problemas. Além de acrescentar ao trabalho, as conversas também foram proveitosas para os autores, que trabalham na área e dividiram experiências com os personagens do documentário.

Aprendemos, sem dúvida, que o planejamento e o cronograma são quase 50% do trabalho e que é impossível realizá-lo no tempo correto e de forma satisfatória sem segui-los. Certamente nossa maior dificuldade foi não ter agido conforme o planejamento do projeto de TCC feito em 2013.

O trabalho nos proporcionou estar ainda mais perto do mundo do futebol. Conversamos com ídolos do futebol local como Albeneir e Balduíno, que trouxeram ao documentário o clima e a nostalgia de outros tempos do esporte. Estas entrevistas foram acima de tudo prazerosas, pois nos proporcionaram o contato com pessoas que têm histórias de nosso profundo interesse. O contato com aqueles que dividem conosco microfones, câmeras, blocos e canetas também foi interessante. Aqueles que costumam entrevistar os outros tiveram de responder a perguntas. Acredito que também tenha sido uma oportunidade de reflexão para os profissionais, pois o fazer jornalístico do dia a dia muitas vezes não oferece o tempo necessário para pensar sobre o que está havendo no meio. Pretendemos divulgar este trabalho no meio, especialmente via internet, para difundir a discussão, que pode ser estendida a futuras mesas de debate especializadas.

8. Referências

BRITO, Paulo. **Dás um banho - Roberto Alves**: O rádio, o futebol e a cidade. Editora Insular, Florianópolis (SC): 2010.

CARAUTA, Alexandre; CARVALHO, Sérgio V. R. **Futebol como espetáculo**: caminhos para conservar valores clássicos do jornalismo na transmissão esportiva em televisão. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro (RJ): 2009.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. Editora Contexto, São Paulo (SP): 2003.

COSTA, Cristiane Finger; OSELAME, Mariana Corsetti. **Entre a Notícia e a Diversão**: Um Retrato do Jornalismo Esportivo de Televisão. Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre (RS): 2012.

GURGEL, Anderson. **O Jogador de Futebol no Esporte-Espetáculo**. Universidade de Santo Amaro: São Paulo (SP), 2010.

GURGEL, Anderson. **O Papel do Jornalismo nos Megaeventos Esportivos**. Universidade de Santo Amaro: São Paulo (SP), 2012.

MALULY, Luciano V. B. **Jornalismo esportivo – desafios e propostas**. Universidade de São Paulo: São Paulo (SP), 2010.
MARQUES, José Carlos. A Crônica de Esportes no Brasil: Algumas Reflexões. Universidade Estadual Paulista: Bauru (SP), 2010.

STYCER, Maurício José. **Limites e Desafios do Jornalismo Esportivo Brasileiro**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis, SC: Insular, 2005.

9. Anexos

Roteiro do documentário com deixas iniciais e finais de cada fala incluída.

Deixa	**Trilha**
– CLIPE DE ABERTURA – CLAUDIONIR MIRANDA “ERA MAIS AMADOR” --- “DA FALTA DE PROXIMIDADE” – GASTÃO DUBOIS “AQUELE TEMPO ERA” --- “ERA REPÓRTER ESPORTIVO” – MIGUEL LIVRAMENTO “MAS OS JOGADORES NÃO GOSTAM” --- “QUE NÃO É ASSIM” – ROBERTO ALVES “VOCÊ TINHA ATÉ O CUIDADO” --- “SE TU CONTINUAR A FALAR” – CLAUDIONIR MIRANDA “HOJE VOCÊ FAZ UM TRABALHO” --- “DO QUE ACONTECE HOJE” – ALBENEIR MARQUES “DÁ LICENÇA” --- “RELACIONAMENTO COM	– BENSOUND – BRAZIL SAMBA – JUANITOS – BLACK SAMBA

A IMPRENSA” – GUSTAVO BOSSLE “EU AINDA TIVE A OPORTUNIDADE” --- “O QUE VALE É A DIVULGAÇÃO DA NOTÍCIA” – CLIPE DE PASSAGEM – GASTÃO DUBOIS “A EMISSORA, A DIREÇÃO” --- -- “É MUITO ESTREITO” – MARQUINHOS SANTOS “TENHO AMIZADE” --- “CADA UM COM SUA FUNÇÃO” – SANDRO VENTURA “ERA BEM MAIS PRÓXIMO” --- “PARA O TREINO TAMBÉM” – ROBERTO ALVES “A GENTE IA DUAS VEZES POR SEMANA” --- “PARA ENTREVISTÁ-LO” – MIGUEL LIVRAMENTO “ERA DIFERENTE” --- “HOJE TEM MUITA FRESCURA” - SANDRO VENTURA “ENTÃO NÃO TINHA ESSE INTERMEDIÁRIO, NO CASO O ASSESSOR DE IMPRENSA” – CLIPE DE PASSAGEM – RONALDO NASCIMENTO “ENTÃO ESSA É A PRINCIPAL MUDANÇA” --- “ESTÁ NO	– ROOM FOR A GOST – No02 – SOBE SOM ENTREVISTAS – SOBE SOM

CAMINHO CERTO” – GASTÃO DUBOIS “O QUE MUITA GENTE NÃO ENTENDE” --- “É MEIO COMPLICADO” – CLIPE DE PASSAGEM – CLAUDIONIR MIRANDA “E ONDE O ASSESSOR TEM ATRAPALHADO” --- “E NÃO PARA ATRAPALHAR” – IMAGENS ASSESSORES – GUSTAVO BOSSLE “ASSESSORES DE CLUBES” --- “E TUDO MAIS” – ROBERTO ALVES “QUE ÀS VEZES NEM SÃO ASSESSORES” --- “COMPLICAM, DIFICULTAM” – SANDRO VENTURA “ESSA BLINDAGEM” --- TRABALHO DO PROFISSIONAL” – CLAUDIONIR MIRANDA “NÃO É CUIDADO, É BOBAGEM” --- ELE TÁ DIFICULTANDO O TRABALHO DA IMPRENSA” – GUSTAVO BOSSLE “OLHA, EU TIVE EXPERIÊNCIAS” --- “PRA QUEM TRABALHA E DEPENDE DELE”	– BLUE DUCKS – FOUR FLOSS FIVE SIX – SOBE SOM ENTREVISTA PAULO SÉRGIO – SOBE SOM MARQUINHOS

– RONALDO NASCIMENTO “DEIXAR BEM CLARO” --- ESTOU ALI PARA CUMPRIR REGRAS” – GASTÃO DUBOIS “VOU TE DIZER UMA COISA” --- “QUEM AGUENTA ISSO” – CLIPE DE PASSAGEM - MARQUINHOS PEDROSO “AS INSTRUÇÕES” --- “PRA GENTE” - MIGUEL LIVRAMENTO “NÃO, NÃO, É PROGRAMADO” --- “DISCURSO PRONTO, SABE” – CLAUDIONIR MIRANDA “AINDA MAIS NA NOSSA TERRINHA” --- “QUE MAL HÁ NISSO” – IMAGENS ASSESSORES – SANDRO VENTURA “EU ACHO QUE SAI” --- “MEIO QUE PROGRAMADO” – GASTÃO DUBOIS “EU ORIENTO” --- “QUEBRA QUALQUER ASSESSOR DE IMPRENSA” – CLIPE DE PASSAGEM – MARQUINHOS SANTOS “SOU UMA PESSOA QUE” --- “O QUE EU ACHO” – GASTÃO DUBOIS “AQUELES QUE	– BENSOUND – DANCE – SOBE SOM ESTÁDIO

ESQUENTAM” --- “LEVAR O CARA, ENTENDE” – ROBERTO ALVES “ESSA HISTÓRIA DE COMBINAR” --- “FALAVAM MESMO” – ALBENEIR MARQUES “QUANTO MAIS TRANSPARÊNCIA” --- “UM CARA ESPONTÂNEO” – GUSTAVO BOSSLE “VOCÊ PEGA UM JOGADOR” --- “COISA INTERESSANTE” – MARQUINHOS PEDROSO “É UM TRABALHO” --- “AQUELAS COISAS” – MIGUEL LIVRAMENTO “É SEMPRE A MESMICE” --- “NÃO SÃO DETERMINADOS PARA FALAR” – RONALDO NASCIMENTO “O QUE AS PESSOAS” --- “NO DIA A DIA” – CLIPE DE PASSAGEM – EDUARDO LUIZ “NÃO FUNCIONA” --- “SEJA EM CASA OU SEJA FORA” – FELIPE DUTRA “É UM POUCO DIFERENTE” --- “OFICIAIS DO CLUBE” – EDUARDO LUIZ “OS JOGADORES SÃO ORIENTADOS” --- “NO	– BENSOUND – RUMBLE – BENSOUND RUMBLE

PEITO E NA RAÇA” – CLAUDIONIR MIRANDA “EU ACHO ISSO UMA BURRICE” --- “TAMBÉM É JORNALISMO” – GUSTAVO BOSSLE “DE TODO O MODO” --- “A MASSIFICAÇÃO DO CLUBE EM SI” – ROBERTO ALVES “O ATLÉTICO TEM UMA ESTAÇÃO” --- “TELEVISÃO DO ATLÉTICO” – CLAUDIONIR MIRANDA “EU ACHO QUE UM CLUBE” --- “A QUESTÃO OFICIAL” – FELIPE GASPAR “O PROBLEMA É” --- “QUE NÃO É O NOSSO” – EDUARDO LUIZ “ELES ESTÃO NO QUADRO” --- “A INFORMAÇÃO DE VERDADE” – CLIPE DE PASSAGEM – RONALDO NASCIMENTO “EU ACHO QUE NÃO É O CAMINHO” --- “ESSA NECESSIDADE” – SANDRO VENTURA “ATÉ PORQUE ELE É” --- “SÓ TRAZ PREJUÍZO” – MIGUEL LIVRAMENTO “PERDE, PERDE” --- “FICOU RUIM PARA O TORCEDOR”	

– SANDRO VENTURA “O CLUBE DEPENDE” --- “DE AMBAS AS PARTES” – MARQUINHOS SANTOS “EU NÃO VOU FICAR” --- “PARA A ARQUIBANCADA NOS APOIAR” – CLIPE DE PASSAGEM – CLAUDIONIR MIRANDA “PREFIRO ENTÃO” --- “É DESNECESSÁRIO” – GASTÃO DUBOIS “A ZONA-MISTA” --- “DE A IMPRENSA PEGAR” - GUSTAVO BOSSLE “EU ACHO FANTÁSTICO” --- “ESSA POLÍTICA” – ALBENEIR MARQUES “EU, NA MINHA OPINIÃO” --- “DENTRO DE UM RESPEITO” – GUSTAVO BOSSLE “EU ACHO QUE A TENDÊNCIA” --- “COM SEU TORCEDOR” – GASTÃO DUBOIS “EU ACHO QUE CADA VEZ” --- “É ISSO AQUI” – GUSTAVO BOSSLE “EU ACHO QUE” --- “VAMOS ESPERAR PARA VER” – CLIPE FINAL + GC ENCERRAMENTO	